

WEB
DOC

UFPA
60
anos
1957-2017

WEBDOC UFPA 60 ANOS

A integração dos saberes no interior da Amazônia

ROTEIRO ADAPTADO DO RADIODOCUMENTÁRIO:

UFPA 60 anos - A integração
dos saberes no interior da
Amazônia

REALIZAÇÃO

Rádio Web UFPA

APRESENTAÇÃO, PRODUÇÃO E ROTEIRO

Rafael Rocha

GRAVAÇÃO E MONTAGEM

João Nilo

SUPERVISÃO E EDIÇÃO

Elissandra Batista e Fabrício Queiroz

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Marcio Novelino

FOTOS

Acervo Museu da UFPA

Alexandre Moraes / Ascom UFPA

Assessoria de Comunicação -

Campus Castanhal

COORDENAÇÃO GERAL

Rosane Steinbrenner

APRESENTAÇÃO



RAFAEL ROCHA

Estudante do curso de Comunicação Social -Jornalismo da UFPA e bolsista da Rádio Web UFPA.

ENTREVISTADOS



ADILSON OLIVEIRA

Doutor em Engenharia Elétrica, é professor titular da Universidade Federal do Pará e coordenador do Campus Universitário de Salinópolis.



ALEX FIÚZA DE MELLO

Graduado em Ciências Sociais, possui Mestrado em Ciência Política e Doutorado em Ciências Sociais. Alex Fiúza de Mello é professor titular da UFPA, foi pró-reitor de Extensão (1989-1993) e reitor da Universidade durante dois mandatos consecutivos (2001-2005 e 2005-2009).



ANA TANCREDI

Pedagoga, doutora em Educação e professora titular da Universidade Federal do Pará. Foi Pró-reitora de Ensino de Graduação no período de 1985 a 1987, atuando na implantação do projeto de interiorização da UFPA.



DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES

Doutor em Educação e coordenador do Campus Universitário Tocantins-Cametá.



GILMAR PEREIRA DA SILVA

Graduado em Pedagogia pela UFPA no campus de Abaetetuba, é Doutor em Educação e atual Vice-reitor da Universidade Federal do Pará para o período 2016-2020.

APRESENTADOR

Há três décadas a Universidade Federal do Pará iniciou o processo de interiorização e começou a produzir conhecimento acadêmico além do Campus de Belém.

Com a interiorização da universidade uma das metas era fortalecer a educação básica, apoiando o desenvolvimento social a partir do ensino na rede pública.

A UFPA e a história da expansão do ensino superior na Amazônia paraense é o tema deste capítulo do radiodocumentário em homenagem aos 60 anos da Universidade Federal do Pará.

APRESENTADOR

Antes do processo de interiorização, só havia cursos no Campus de Belém e as vagas disponíveis não conseguiam atender a demanda por formação de professores.

Naquela época, por exemplo, apenas 1% dos professores contratados no interior do estado tinham o nível superior. Por isso, a necessidade de qualificar os profissionais da educação básica. Com esse foco nas licenciaturas surgiram as iniciativas que levaram à expansão da UFPA.

O vice-reitor da Universidade, professor Gilmar Pereira da Silva foi um dos profissionais formados nesse processo. Graduado em Pedagogia pelo Campus de Abaetetuba, ele conta como era a realidade do ensino no início da interiorização da UFPA.

GILMAR PEREIRA

“A primeira coisa que a gente tem que compreender é que você não tinha praticamente quase nada de professores graduados no interior. Era muito pouco esse número de professores. Então, a ação da universidade era mais no sentido de contribuir para reduzir esse problema. Para você ter uma ideia, os professores que davam aula no que era denominado naquela época segundo grau que hoje é ensino médio, eram professores que tinham terminado o ensino médio em magistério e que depois iam para as salas de aula atuar como professores do próprio ensino do segundo grau. Eu fui aluno do campus de Abaetetuba e, na verdade, você não tinha campus. As aulas ocorriam nas escolas do município e assim, a primeira estrutura na escola da igreja, aí você foi para uma escola do estado, depois você foi para uma escola do município até chegar na primeira estrutura, isso no Campus de Abaetetuba”.

APRESENTADOR

A ideia de implantar as primeiras turmas no interior surgiu, em 1986, quando o reitor José Seixas Lourenço aprovou o projeto de interiorização da UFPA.

Com a resolução nº 1.355 foram estabelecidos convênios com o Governo do Estado e prefeituras. A oferta de cursos começou a partir de 1987. Antes disso, a UFPA já tinha oferecido alguns cursos fora da capital, mas foram tentativas isoladas de

curso de licenciaturas curtas em condições bastante precárias.

A interiorização da Universidade em seu planejamento inicial contou com oito campi em cada mesorregião do estado: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure.

A escolha dessas cidades levou em consideração a possibilidade de deslocamento para municípios próximos, a relevância econômica e a atuação como polo de desenvolvimento regional.

Na época, a professora Ana Tancredi era pró-reitora de ensino de graduação e elaborou o projeto político pedagógico da expansão da Universidade. Ela comenta sobre o processo.

ANA TANCREDI

“Em cada polo nós implantamos cinco cursos de licenciatura que foram Matemática, Pedagogia, Letras, História e Geografia. A escolha foi feita com critérios de, por exemplo, a possibilidade de a Universidade melhor funcionar naquela localidade, que tivesse infraestrutura melhor para os docentes, que pudesse acolher professores que viriam de outras localidades e que não eram só da sede do município. Foi feito todo este estudo para ver onde seria melhor para todos”.

APRESENTADOR

Na fase de planejamento o projeto de interiorização da UFPA gerou muita discussão. Membros da comunidade acadêmica questionavam a viabilidade da iniciativa, já que faltavam recursos e haveria dificuldade de manter um quadro permanente de professores no interior.

Campus de
Soure. Foto
Acervo Museu
da UFPA



Mesmo assim, a interiorização da UFPA recebeu amplo apoio de alunos e professores das licenciaturas, além da mobilização da comunidade que garantiu a continuidade do projeto.

No início, o projeto de interiorização pretendia assumir os campi do antigo projeto Rondon, incorporando também unidades de outras universidades brasileiras que estavam presentes no Pará, como a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade de São Paulo.

As parcerias com prefeituras foram fundamentais para a infraestrutura nos campi. Com isso, as aulas iniciaram em salas de escolas públicas nas diferentes localidades.

Para a professora Ana Tancredi, os desafios enfrentados e vencidos tornam a interiorização uma das maiores conquistas dos 60 anos da Universidade.

ANA TANCREDI

“Muitos cursos tiveram que ser alojados em escolas estaduais e escolas municipais que não eram das melhores estruturas. Não tinham bibliotecas. As dificuldades a livros eram imensas; aos laboratórios muito mais. Eu costumo dizer que se há um projeto que deu certo na universidade foi o projeto de interiorização. Hoje, nós temos duas universidades a partir deste projeto e uma terceira sendo já articulada. E hoje grande parte da população do interior do estado tem menos dificuldade de fazer uma universidade pública”.

APRESENTADOR

Em 2017, a interiorização da UFPA completa 30 anos. Ao longo do tempo, os campi cresceram e se tornaram unidades acadêmicas importantes para a Instituição.

Para conquistar autonomia acadêmica e administrativa, a UFPA adotou uma política de cooperação orçamentária e financeira e de descentralização de vagas que dividiu os investimentos entre a capital e os novos campi.

Na década de 1990, quando o processo de interiorização foi assumido pelo Ministério da Educação, os campi passaram a receber verbas diretas do orçamento.

Ainda na mesma década, a partir de um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão o desenvolvimento social de cada região paraense se tornou uma preocupação maior dos campi.

No entanto, nos anos 2000, a interiorização da UFPA estava fragilizada. Com poucos recursos para investimentos e ma-

nutenção, a saída veio com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (Reuni).

Na época, foram organizados fóruns com os dirigentes dos campi para debater os principais problemas e soluções.

Aprovado em 2007, durante o segundo mandato do reitor Alex Bolonha Fiúza de Mello, o Reuni foi uma das principais políticas com impacto sobre a expansão da Universidade.

Outras medidas importantes foram as reformas do estatuto e do regimento de interiorização entre os anos de 2005 e 2006, que deram origem ao conceito de Universidade Multicampi. O professor Alex Fiúza de Mello comenta o que mudou com essa concepção.

Campus de Cametá. Foto: Alexandre Moraes



ALEX FIÚZA DE MELLO

“Diante de várias situações que a universidade passava, entre as quais a consolidação da interiorização, os campi do interior não existiam no estatuto da Universidade e nem no regimento. Então não existindo, havia grande dificuldade de institucionalizar a presença deles como estruturas definitivas dentro da Universidade e fazia já vinte anos que se tentava fazer a reforma do estatuto e do regimento e não se conseguia. Esses campi não eram ainda núcleos permanentes da Universidade, incorporados ao patrimônio da Universidade e, portanto, viviam uma grande fragilidade institucional, tanto que quando reduziam os recursos, o projeto de interiorização era ameaçado. Nós precisávamos institucionalizar de uma vez por todas esse programa de interiorização da Universidade, transformando os campi em estruturas definitivas, dando a eles perfil dentro do próprio estatuto do regimento e criando uma marca, uma identidade que permitisse com que nós projetássemos a Universidade a partir de então não tendo Belém como foco de expansão. Automaticamente essa visão de universidade se estabeleceu dentro do próprio estatuto do regimento, tanto que no novo estatuto do regimento começa uma ideia que a Universidade Federal do Pará é uma Universidade Multicampi, não se pensa mais a partir só de Belém, mas do conjunto do Estado”.

APRESENTADOR

O impacto do Reuni e outras políticas mudaram o cenário da educação superior no Pará. A evolução dos campi, por exem-

plo, levou a criação de novas universidades no estado.

Foi o que aconteceu com o campus de Santarém que deu origem a Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), em 2009.

Já em 2013, foi a vez do campus de Marabá se tornar a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Para o professor Alex Fiúza, a educação no Pará ganhou muito com a Universidade Multicampi.

ALEX FIÚZA DE MELLO

“Na medida em que você tem um polo central e outros polos em torno, que pegam todas as regiões mais afastadas do polo central, você cria uma malha universitária em todo o estado do Pará e você cria, portanto, a oportunidade de formação superior praticamente em todas as regiões. Se a Universidade tivesse se fechado nela própria, pensando apenas na sua reprodução interna, ela não teria se aberto a um desafio como esse. Hoje não existiria, provavelmente, nem Ufopa, nem Unifesspa, nem campi no interior, ela estaria engessada dentro de si própria. É isso que eu digo, ela precisa continuar se abrindo”.

APRESENTADOR

Hoje a UFPA conta com 11 campi no interior do estado: Abaetetuba, Altamira, Ananindeua, Bragança, Breves, Tocantins/Cametá, Castanhal, Capanema, Salinópolis, Soure e Tucuruí.

Em 2015, os alunos matriculados e ingressantes nestes campi chegavam a mais de 21 mil. Entre as unidades mais an-

tigas está o Campus de Tocantins/Cametá fundado em 1987, na primeira leva de interiorização da UFPA.

A estrutura modesta do passado, sem sede própria, com oferta de cursos intervalares pouco lembra a realidade atual do campus, como analisa o coordenador, professor Doriedson do Socorro Rodrigues.

DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES

“Na década de 80 era um campus que estava com cursos flexibilizados por Belém. Até 2005/2006 ele possuía um corpo reduzido de professores, em torno de 10 professores, poucos técnicos e uma oferta de cursos muito pequena. Mas a partir do Reuni, o Campus passou de 10 professores para um conjunto de 83 professores efetivos e passou de um número pequeno de técnicos para hoje nós chegaremos em torno de 25 técnicos-administrativos. É pouco, mas muito para o que nós tínhamos há um tempo passado. E hoje é um Campus que tem para mais de 3 mil alunos, envolvendo alunos do Parfor, envolvendo cursos de pós-graduação lato sensu, envolvendo cursos de pós-graduação stricto sensu”.

APRESENTADOR

Além do ensino, assim como em grande parte da UFPA no interior do estado, o Campus de Tocantins/Cametá avança nas áreas de extensão, pesquisa e pós-graduação.

O resultado é o fortalecimento do papel social da Universidade no interior da Amazônia, como ressalta o professor Doriedson Rodrigues.

Campus de
Castanhal. Foto
Ascom UFPA
Castanhal



DORIEDSON RODRIGUES

“Um grande avanço do campus nesses anos foi a Universidade ter construído as condições para que nós, do Campus Cametá, tenhamos um programa de pós-graduação mestrado em Educação e Cultura. Além disso, há a possibilidade de você realizar pesquisas na região. Se não fosse o Campus Universitário do Tocantins, se não fosse a Universidade com a sua política de interiorização um conjunto de trabalhadores e de trabalhadoras não estariam em uma universidade pública, gratuita e com qualidade social. Nós podemos afirmar que a presença de um campus no interior da Amazônia é a expressão maior daquilo que nós defendemos no em torno da universidade. Ou seja, que ela seja pública, gratuita e que ela tenha qualidade social”.

APRESENTADOR

Uma das estratégias para o sucesso da interiorização da UFPA foi implantar cursos de acordo com as particularidades econômicas, culturais e ambientais do estado.

Como exemplos, o curso de Ciências Agrárias atende à demanda da economia agropecuária, em Altamira; a Medicina Veterinária é importante para a pecuária, em Castanhal; e as Ciências Biológicas e Engenharia de Pesca são fundamentais para conhecer as dinâmicas do ecossistema marítimo de Bragança.

Nesse mesmo perfil, surgiu em 2015 o mais recente campus da UFPA. No município de Salinópolis, a Universidade oferece formação nas áreas de Engenharia de Exploração e Produção de Petróleo, além de licenciaturas em Física e Matemática.

A expectativa é que até 2020 sejam implantados também os cursos de Engenharia Costeira e Oceânica e Engenharia da Computação. O coordenador Adilson Oliveira relata que o campus de Salinópolis tem transformado a realidade no município.

ADILSON OLIVEIRA

“Os avanços, apesar do curto intervalo de tempo, eles já começam a surgir quando há uma dinâmica diferente tanto na educação como na parte cultural. Porque a presença de um campus universitário ele faz com que pessoas de diferentes formações transitem pelo município, deixando com isso algum tipo de conhecimento que é um dos grandes propósitos de você ter um campus universitário implantado no município”.



Campus de
Salinas. Foto:
Alexandre
Moraes

APRESENTADOR

Com apenas dois anos de funcionamento, o Campus de Salinópolis ainda está instalado em um prédio da prefeitura municipal.

Enquanto isso, a implantação da sede própria é apenas um dos planos para um futuro cheio de metas no avanço da educação e da ciência no Pará.

ADILSON OLIVEIRA

“Se nós conseguirmos realmente desenvolver aquilo que está planejado para o Campus de Salinópolis, nós, em um tempo muito curto, já teremos cursos de mestrados, cursos de doutorado e com isso desenvolvendo a área de pesquisas que dizem respeito a natureza do instituto, que está implantado dentro do campus, foi primeiro criar um instituto de tecnologia na área, principalmente, de petróleo. E aí, naturalmente, com o passar do tempo vem os desdobramentos. Então, nós vislumbramos também a possibilidade de criar um centro de computação científica, onde nós teremos uma excelência no Campus de Salinópolis nesta área”.

APRESENTADOR

Há 30 anos o projeto de interiorização da UFPA vem transformando a realidade de muitos paraenses.

Com ensino, pesquisa e extensão, a Universidade contribui para o processo educacional e cumpre um papel social importante para a Amazônia.

Fruto dessa realidade, o vice-reitor da UFPA Gilmar Pereira reafirma o compromisso com a expansão do conhecimento pelo interior do Pará.

GILMAR PEREIRA

“A princípio nós estamos vivendo um momento histórico desafiador. Você sabe das questões econômicas. A gente tem uma perspectiva de manter esses campi e avançar na oferta de vaga. A tendência é que a gente continue ofertando esses cursos com o cuidado econômico, com o cuidado de garantir que os professores nossos do campus se desloque para atuar nesses espaços. Claro que nós não vamos fazer campus, nem temos condições de fazer em todas as cidades, em todas as regiões que nos demandam. Nós recebemos demandas diárias e a gente enquanto universidade, tanto eu como o reitor, acreditamos que a universidade é a grande saída para o desenvolvimento do estado, para o desenvolvimento da região”.

APRESENTADOR

A interiorização da UFPA é mais que um dever, é a democratização do ensino para a melhoria social das comunidades amazônicas.

Do início do processo 30 anos atrás até hoje, muitas barreiras foram ultrapassadas.

Professores e alunos lutaram juntos pelo que hoje conhecemos como uma UFPA Multicampi, com a marca da grandeza e da diversidade do Pará.



A C E S S E
radio.ufpa.br